

Senhor Ministro da Economia

Senhora Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Senhoras e Senhores Membros da Comissão de Honra

Senhores Oradores e Moderadores

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Colegas

Uma primeira palavra de gratidão pela vossa presença e participação no 7º Congresso Nacional de Economistas que agora se inicia.

A Ordem dos Economistas é uma Associação Pública Profissional, na qual o Estado delegou várias e importantes funções, tendo firmado ao longo da sua história, uma imagem de dignidade e credibilidade e com o seu estatuto, tal como as restantes ordens profissionais, aprovado pela Assembleia da República. Esta Ordem, tal como as restantes existentes tem um comportamento permanentemente escrutinado pelos seus membros, pela comunicação social e pela opinião pública e tem actuado sempre no estrito cumprimento das funções que lhe foram delegadas e sem nunca dar suporte a actos que possam conflitar com a deontologia e ética profissionais. Mas, qualquer que seja o colégio da especialidade a que os membros pertençam o designativo de economista é a todos aplicável e tem equivalência com o designativo que os outros países, nomeadamente os europeus utilizam quer se trate de gestores, de macro economistas ou de analistas financeiros, por exemplo.

A Ordem vive exclusivamente das quotas pagas pelos seus cerca de doze mil membros. Todos têm formação na área das ciências económicas e repartem-se por cinco colégios da especialidade, consoante a preparação e a experiência profissional de cada um. São essas especialidades as seguintes: gestão empresarial, que agrupa dois terços dos membros que exercem funções de gestor em empresas ou em profissão liberal; economia política; análise financeira; auditoria e insolvência e recuperação de empresas.

A Ordem distribui-se por todo o país e tem cinco delegações regionais. É membro da International Economists Association (IEA), bem como do CNOF, e tem vindo a reforçar as suas ligações às Ordens profissionais da Espanha (Colégio de Economistas) e do Brasil e a apoiar as comissões instaladoras de ordens homólogas de vários países de língua portuguesa.

Com a recente legislação europeia, pertencer à Ordem é a garantia de obtenção da cédula profissional e esta é um verdadeiro passaporte para se poder trabalhar em qualquer dos países da União Europeia.

Reforçar o prestígio dos economistas, dignificar a profissão, contribuir para o desenvolvimento das ciências económicas são os principais objectivos da Ordem.

De dois em dois anos, a Ordem dos Economistas organiza o seu Congresso, elegendo um tema de fundo, dirigindo convites a oradores e moderadores nacionais e internacionais, angaria apoios e tenta contribuir com qualidade, independência e isenção para maior informação sobre esse tema, sugerindo caminhos ou soluções para questões importantes da economia, da sociedade e do seu enquadramento político-institucional, sempre numa perspectiva multidisciplinar como se poderá comprovar pelo naipe invulgar de oradores que teremos oportunidade de aplaudir nestes dois dias.

Este ano, mercê dos acontecimentos do último ano em vários pontos do mundo, acordamos que discutir o proteccionismo que parece ressurgir, as novas formas da globalização e o futuro do espaço europeu em que Portugal se insere poderia ser do maior interesse e começamos a trabalhar já há algum tempo na preparação dessas temáticas. O mundo encontra-se perante novas situações políticas, o quadro económico e financeiro é volátil e os novos horizontes derivados dos avanços tecnológicos prenunciam uma certa disrupção da economia pelo que é perfeitamente justificável discutir estas questões, obter respostas para alguns dos graves problemas que enfrentaremos. E o que poderão ver e ouvir esta manhã, primeiro numa visão política e institucional e depois numa perspectiva económica.

Mas, claro que estas alterações têm a sua influência na estratégia das empresas, na condução de pessoas e negócios, na atractividade de investimento produtivo, nas start-up e na inovação, na convergência das empresas portuguesas com as melhores práticas internacionais.

Sabendo-se que, dos economistas membros da Ordem, cerca de dois terços são gestores calculamos que estes temas, que serão tratados após o almoço, serão motivo de atenção.

Finalmente, saber o que se passa em Espanha, tão importante para Portugal, por exemplo ou nos países onde a primavera árabe foi uma esperança, dentro do contexto mundial e numa antevisão de futuro, preencherão o último painel desta tarde, encerrando-se o dia com uma intervenção do Primeiro Ministro que, por imperativos da sua agenda, não pode estar na abertura deste Congresso, mas falar-nos-á no final deste primeiro dia de trabalhos.

O financiamento da economia e a disrupção que se começa a sentir nas economias devido à automação, a sociedade digital e à robotização ocuparão os painéis da manhã de amanhã, dia 13.

E aproveitaremos esta ocasião para proceder também amanhã à atribuição do prémio António Simões Lopes, destinado a premiar em cada ano a melhor tese de doutoramento, e os prémios Carreira, atribuídos a economistas que fizeram percursos profissionais que dignificam a profissão de economista, encerrando o Congresso com a intervenção do Sr. Presidente da República.

Portugal vive um momento único na sua história recente. Após a 3ª intervenção externa desde 1974 e mercê de uma conjuntura favorável, os dados da economia portuguesa são, em geral, positivos.

Porém, e até aproveitando este ciclo favorável, devemos pensar em tudo fazer para equilibrar as contas públicas, atingir um défice estrutural próximo de zero, reduzir a dívida, ganhar competitividade, continuar a atrair investimento produtivo, reduzir as nossas fragilidades estruturais, repensar e reformar a segurança social, incentivar deveras a natalidade, reduzir a carga fiscal sobre os contribuintes e continuar a investir na educação e na saúde. Tal como relativamente a cada um de nós e como Richard Thaler (Prémio Nobel deste ano) escreveu, há que resistir às

tentações de curto prazo que são irracionais, o que se aplica também aos países, nas suas escolhas e acções.

Se o fizermos, decerto Portugal ficará mais forte e capaz para enfrentar as crises que possam no futuro surgir, bem como as bolhas especulativas que alguns já anunciam (a dívida mundial, segundo o I.I.F. (Inst.Int. Finance) é de 327% do PIB mundial).

Vamos, pois, aproveitar esta oportunidade deste dia e meio para sobre estes assuntos ouvir alguns dos melhores e maiores especialistas, em várias áreas, aos quais volto a agradecer profundamente a participação.

Agradeço a vossa atenção e passo a palavra à Presidente da Fundação Gulbenkian, a minha estimada Colega Isabel Mota e depois ao Sr. Ministro da Economia, Prof Manuel Caldeira Cabral.